

A REPRESENTAÇÃO DAS MINORIAS NA OBRA DA LEGIÃO URBANA
REPRESENTATION OF MINORITIES IN THE WORK OF URBAN LEGION

Gustavo dos Santos Prado¹

RESUMO

O objetivo central desse artigo é analisar de que forma as minorias estão representadas na obra da Legião Urbana. Tal reflexão se faz necessária, devido às abordagens que são realizadas atualmente, que colocam a obra da banda em uma perspectiva elitista, onde somente produtores e gravadoras possuem o mérito do sucesso daquela. Procuraremos demonstrar que ao nos inclinarmos com a questão das minorias expressas nas obras da banda, vamos à busca de novas formas de abordagem do movimento juvenil do rock da década de 80, bem como dos diversos segmentos de minorias que estão expressos nas obras da Legião Urbana.

Palavras - Chave: Minorias, Legião Urbana, Obra; Representação

ABSTRACT

The purpose central of this product is analyze of what she forms the minorities are represented on work from Urban Legion . Such reflection if ago necessary , due the approach what are realized actually , what they put the job from strip in a elitist perspective , where only producers and recorder has the merit of the success from that. We'll seek demonstrate what the on the lean with the question from the minorities you expressed on the works from strip , let's go in search of new forms of approach of the movement youngster of the rock from decade of 80, as well as from the diverse segments of minorities what are expresses on the works from Urban Legion.

Keywords: Minorities, Urban Legion; Work and Representation

¹ Graduado em História pela Universidade Estadual Paulista (UNESP/ASSIS), Especialista em Ensino de Geografia pela UEL (Universidade Estadual de Londrina), Mestrando em História na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e bolsista CAPES. Contato: gspgustavo.historia@hotmail.com

LEGIÃO URBANA

Introdução: A luta por mudanças conceituais, abrindo espaço para as minorias no rock nacional

A temática envolvendo as minorias e suas representações vêm ganhando uma grande amplitude em algumas vertentes da historiografia atual. Com isso, novas formas de abordagem e interpretação surgem à tona, dando aos sujeitos excluídos sua devida representação. Em outras palavras, as minorias passam a ter o reconhecimento; colocando as mesmas no seio da interpretação histórica. Para tanto,

a história cultural pode regressar utilmente ao social, já que faz incidir a sua atenção sobre as estratégias que determinam posições e relações e que atribuem a cada classe, grupo ou meio, um ser apreendido constitutivo da sua identidade.(CHARTIER, 1988, p. 23)²

Na abordagem do espaço no qual as minorias³ se fazem presentes nas letras da Legião Urbana, temos alguns problemas que permeiam o meio, ou método, com o qual a banda vem sendo abordada.

Nas interpretações elitistas e economicistas que envolvem, em especial, jornalistas, sociólogos, produtores musicais dentre outros, há sempre, ou quase, uma tendência, maliciosa ou não, de colocar o movimento do rock dos anos oitenta, no qual a banda insere-se, em uma perspectiva elitista.⁴ É de assaz importância, um diálogo mais profícuo, aprofundado e com embasamento teórico sobre o rock da década de 1980, onde o mesmo marcou um momento histórico da música brasileira.

Nesse caso, ao nos debruçarmos com intelectuais, além dos jornalistas, que dedicam sua atenção em detrimento do movimento acima supracitado, não é incomum encontrar posições com essa tipologia:

Por mais que suas raízes ideológicas demonstrem ruptura, autenticidade e liberdade, o rock é um produto da indústria cultural, que adquire notoriedade e é difundido pelo mercado, onde (...) os heróis dessa versão da história, não são os músicos, mais sim os empreendedores. (BRANDIN, 2004, p.62-63) (*grifo nosso*)

Ora, é inegável a influência do mercado fonográfico sobre o movimento musical, mas colocar as ramificações da indústria fonográfica, chamando de heróis seus empreendedores, é no mínimo

² Como pontua Fenelón, Cruz e Peixoto (2004, p. 9) ao se propor um novo tipo de fazer histórico, é necessário uma busca por vencer resistências, valorizando os sujeitos históricos.

³ Para esse artigo, estamos utilizando as proposições de Wucher (2000, p. 46), onde na definição do termo minoria, “o critério numérico pode ser insuficiente para determinar o conceito de minorias, sendo a exclusão social e a falta de participação nas decisões políticas dos grupos minoritários o melhor critério objetivo de definição”.

⁴ Tal afirmação nem se dá pelo fato de que seus principais expoentes como Cazusa e Renato Russo, por exemplo, serem oriundos da classe média alta. Há aqui simbologias de maior amplitude, que seria justamente a influência do mercado fonográfico. O movimento do rock oitocentista, pelo menos até o momento, foi tratado como uma vertente de bastidores, demonstrando o potencial de produtores musicais e gravadoras. Essas interpretações possuem sua importância, mais não podemos ficar somente a elas. Caso contrário, se não introduzirmos novas formas de abordagem, não há menor possibilidade de reconhecer a plenitude política, social e cultural do movimento. Aqui, faço referência às obras de Dapieve (1995, 2000) e Alexandre (2002) onde ficam, quase sempre restritos, a analisar tais fenômenos como mero reflexo da genialidade da indústria fonográfica e seus componentes. Em suma, fazem uma história “vista de cima”. Tal artigo vai à contramão dessas proposições.

tendencioso. Há de se pressupor, que quando vamos trabalhar em uma perspectiva histórica, temos que analisar as circunstâncias que fizeram tal movimento ser fecundo, passando por seu contexto histórico específico, com suas ideologias, problemáticas, novidades e experiências. Reduzir a história a heróis, com certeza, não é o caminho que os historiadores do tempo presente procuram trilhar atualmente.⁵

Tais considerações são de fundamental importância, pois se mantivermos determinadas posturas metodológicas, não poderemos citar com propriedade a forma que as minorias estão representadas pelas letras da Legião Urbana. Para atingir tal finalidade, necessitamos trilhar em duas vertentes: as potencialidades da música como fonte histórica, bem como do próprio contexto cultural dos anos 80.

Referindo ao primeiro ponto elencado, ao se falar de música e sua utilização como fonte histórica, tem-se subtendido uma série de problemas de ordem conceitual, pois

uma composição musical é um novelo de muitas pontas. Ao circular socialmente, ela, em seu modo perpétuo, pode ser inclusive ponto de convergência e de contestações, espaço aberto para a pluralidade de significados e para a incorporação de vários sentidos, até mesmo conflitantes entre si. (PARANHOS, 2004, p.24)⁶

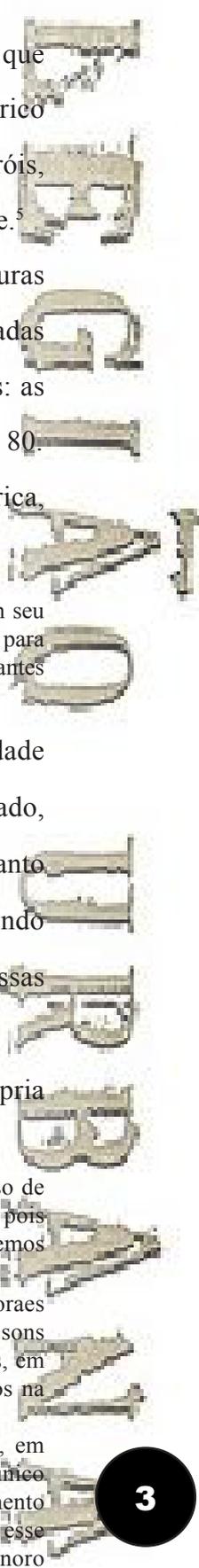
Consequentemente, ao se analisar uma letra, há de se levar em consideração a possibilidade interpretativa que a mesma possui. Dificilmente, encontraremos um consenso sobre o assunto abordado, pois “não há vestígio histórico mais envolvente, ainda que não raras vezes, mais imperceptível, enquanto conceitualidade do que a música em determinados períodos” (WISNIK; SQUEFF, 1982, p.15).⁷ Tendo isso como referência, é incomum a abordagem específica das representações das minorias expressas nas letras da Legião Urbana.

Ainda, na análise de bandas do rock da década de oitenta, necessitamos ter em mente a própria complexidade envolvendo os anos 80, onde

5 Graças a novas tendências da historiografia social, surgem trabalhos que procuram promover um processo de inflexão desse tipo de abordagem. Em sua maioria, são dissertações de mestrado, que possuem um caráter inovador, pois passam a dar outras formas de abordagem para a temática, enriquecendo o conhecimento sobre o movimento. Podemos citar, por exemplo, os trabalhos de Alves (2002), Encarnação (2009), Ramos (2010) dentre outros.

6 Nesse caso, a música possui suas particularidades, fazendo parte de um contexto histórico específico. Moraes (2000) reflete que é necessário reconhecer ainda que ligeiramente, as particularidades objetivas e materiais dos sons produzidos e sua propagação, e como eles foram e são (re) elaborados pela sociedade humana, de diferentes modos, em forma de música. Os sons são objetos materiais especiais, produtos da ressonância e vibração de corpos concretos na atmosfera e que assumem diversas características.

7 Com isso, várias músicas que serão analisadas aqui possuem outras abordagens. A grande dificuldade, em especial com as letras de Renato Russo, é que as mesmas são densas, onde o mesmo dificilmente se dedica a um único tema dentro de uma mesma música. Apesar das dificuldades pontuadas, Moraes (2010, p.1-2) afirma que o documento musical se tornou imprescindível para a reconstituição histórica dos sujeitos sociais, relatando que ao trabalhar com esse tipo de fonte, enfrentamos condições extremamente subjetivas, possuindo riscos que não invalidam o documento sonoro como fonte de pesquisa.



vive-se portanto um conflito entre uma sociedade urbana, moderna na aparência das leis, e antiga na condução política. Os políticos e os grupos sociais dominantes tratam a maioria dos brasileiros como não cidadãos. Estes, entre si, reproduzem em diferentes formas e intensidades a mesma postura, contribuindo para o adiamento da conquista da democracia plena. (RODRIGUES, 1992, p.66)

Logo, os problemas catárticos pontuados pela autora, que em grande medida, são aplicados na interpretação de nossa contemporaneidade, constituem-se como reflexos de um país em relativa dependência econômica do império norte americano, atrelado as convulsões políticas do processo conjuntural, processual e de distensão dos militares no poder, conjuntamente com as peripécias econômicas da Nova República que se iniciará, “promovendo nos jovens mudanças de comportamento social, introduzindo novas concepções de vida e de valores que tornaram possível a sociedade refletir sobre uma nova realidade histórica”. (BRANDÃO e DUARTE, 2004, p.9).⁸

Partindo desse pressuposto, é notável a riqueza envolvendo os anos 80, que permitiu que o movimento musical tivesse um tom de protesto, agressivo, crítico e contestador, capaz de formar opiniões e desfazer idéias.⁹

Tais considerações são fundamentais para as pretensões elencadas por esse artigo, pois se ficarmos restritos as características acima pontuadas, seria inútil abordar a questão das minorias presentes em algumas letras da Legião Urbana, pois a sensibilidade do artista estaria submersa em detrimento dos padrões impostos pela indústria fonográfica e suas ramificações.

A partir dessas considerações, cabe questionar como estão representadas as minorias nas Letras da Legião Urbana? Será que nas poesias em formas de canções de Renato Russo há espaço para elas? Como um grupo que emerge da classe média trata o tema? Será que existe uma certa uniformidade para com a temática das minorias? Na busca por respostas a essas perguntas, usaremos como objeto principal a análise de alguns fragmentos da obra¹⁰, bem como de outras fontes, que abordam a banda;

dividindo esse artigo em quatro temáticas. Em um primeiro momento, trabalharemos a visão da

8 Apesar da ressonância de uma letra não possuir limites, as músicas da Legião Urbana se dirigiam para os jovens. Logo, a grande preocupação das músicas está em passar uma mensagem dos problemas sociais para os jovens inseridos no contexto histórico acima esboçado.

9 Podemos destacar nesse período a Blitz, Paralamas do Sucesso, Capital Inicial, Ira!, Ultraje a Rigor, Garotos Podres, Plebe Rude, Engenheiros do Havai, Barão Vermelho, Legião Urbana. A lista de bandas que surgem é infindável, o que demonstra como foi à intensidade de idéias de um dado momento, e como elas ecoaram por várias cidades e regiões brasileiras, podendo-se inferir a dinâmica cultural existente no movimento.

10 Em minha pesquisa que desenvolvo no programa de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, o termo obra vem ancorado como sendo uma representação da idéia do artista, exposta em um conjunto que engloba músicas, capas, contracapas e encartes da banda.

banda com relação à conduta das minorias perante as imposições do sistema capitalista. Após essa interpretação mais ampla, entraremos, de forma sequencial e afunilada, com os seguintes temas: as minorias por sua opção sexual, pelo vício (usuário de drogas) e a leitura da Legião Urbana sobre a função do Estado instituído e sua relação com as minorias.

Ao fim, chegaremos a algumas conclusões referentes à representação das minorias expressos na obra da banda.

A representação das minorias na obra da Legião Urbana. Um combate ao sistema ou ao conformismo desenfreado?

Nossas meninas estão longe daqui
Não temos com quem chorar e nem pra onde ir
Se lembra quando era só brincadeira
Fingir ser soldado a tarde inteira?

Mas agora a coragem que temos no coração
Parece medo da morte mas não era então
Tenho medo de lhe dizer o que eu quero tanto
Tenho medo e eu sei porque: Estamos esperando.

Quem é o inimigo?
Quem é você?
Nos defendemos tanto tanto sem saber
Porque lutar.

Nossas meninas estão longe daqui
E de repente eu vi você cair
Não sei armar o que eu senti
Não sei dizer que vi você ali.

Quem vai saber o que você sentiu?
Quem vai saber o que você pensou?
Quem vai dizer agora o que eu não fiz?
Como explicar pra você o que eu quis

Somos soldados
Pedindo esmola
E a gente não queria lutar.¹¹

A música intitulada “Soldados”, nitidamente, não apresenta como tema o soldado em seu termo real ou literal. Ela remete a outras questões que vão sendo percebidas ao longo de sua análise. Nesse

11 Legião Urbana. *Soldados*. ÁLBUM: Legião Urbana EMI-ODEON, 1985

LEGIÃO
URBANA

interim, podemos perceber que a letra possui um formato de caráter metafórico, onde a aflição do sujeito é uma constante, em conjunto com a crítica e a dúvida. Há na letra, um campo em que o espaço representa um simulacro de batalha real, trazendo um indivíduo que está em luta com algo que ele desconhece. Mal sabe por que ali está. Além disso, sente que seu ato é incoerente com o pensamento “*Nos defendemos tanto tanto sem saber/ Porque lutar.*” Nesse passo, o “Soldado” não possui honra e mérito, ao contrário, o mesmo sente vergonha, pena de si mesmo, por estar em uma batalha, sem esperar e querer. Junto, caminha à distância com aquilo que o sujeito mais ama, supostamente no verso “*nossas meninas estão longe daqui*”. Há, além disso, um individualismo constante, podendo ser notada em “*Quem vai saber o que você sentiu? Quem vai saber o que você pensou? Quem vai dizer agora o que eu não fiz? Como explicar pra você o que eu quis?*”. Nesse campo, o sujeito não encontra alguém para compartilhar seus desejos, medos e anseios, pois o tempo e espaço para o mesmo estão fragmentados e dissolvidos, trazendo dor e sofrimento de não ser reconhecido e ao mesmo tempo não poder ajudar ninguém.

Induzidos por aquilo que é trazido pela letra, podemos perceber uma clara alusão ao mercado de trabalho, onde os jovens se encontram em um conflito diário, perdendo em vários momentos, o sentido em sua própria vida, devido à concorrência existente dentro do sistema capitalista. A música remonta a uma espécie de individualismo, sentimento latente em grande parte das letras da banda.

Consequentemente,

o problema do capitalismo é que aqui, como em qualquer outra parte, ele destrói as possibilidades humanas por ele criadas. Estimula, ou melhor, força o auto-desenvolvimento de todos, mas as pessoas só podem desenvolver-se de maneira restrita e distorcida. As disponibilidades, impulsos e talentos que o mercado pode aproveitar são pressionados na direção do desenvolvimento e sugados até a exaustão: tudo o mais, em nós, tudo o que não é atraente para o mercado é reprimido de maneira drástica. (BERMAN, 1986, p. 110)

Ora, tal canção, representa os excluídos de um sistema opressor, onde as potencialidades dos sujeitos de menor expressão são colocadas em valor de mercadoria, não importando toda a latência psicológica vivida pelos mesmos. A exclusão e opressão ao sistema, contudo, não vem em tom de conformismo, mais sim em tom de protesto, percebido pela negação do soldado em lutar dentro do campo que está inserido.

No entanto, da mesma forma que as minorias do sistema possuem esse padrão estilístico de música, no qual a resistência e a luta são uma constante - exposta em “Soldados” - podemos encontrar as minorias

não como vítimas de um sistema, mais adequados aos padrões do capitalismo e da modernidade. Nessas canções, a resistência é inexistente, sendo sugerida uma crítica da banda a esse tipo de circunstância. Ao que veremos; a ausência de manifestação e resistência, apesar de incomodar o narrador, não possui o mesmo tom agressivo, deprimente e melancólico de “Soldados”.

Em cima dos telhados e das antenas de TV tocam música urbana
Nas ruas os mendigos com esparadrapos podres
Cantam música urbana.
Motocicletas querendo atenção as três da manhã
É só música urbana.

Os PM's armados e as tropas de choque vomitam música urbana
E nas escolas as crianças aprendem a repetir a música urbana.
Nos bares os viciados sempre tentam conseguir a música urbana.

O vento forte seco e sujo em cantos de concreto
Parece música urbana
E a matilha de crianças sujas no meio da rua: Música urbana.
E nos pontos de Ônibus estão todos ali: música urbana

Os uniformes, os cartazes
Cinemas e os lares
Favelas, coberturas
Quase todos os lugares.

E mais uma criança nasceu.

Não há mentiras nem verdades aqui
Só há música urbana.

Yeah, música urbana¹²

As minorias estão nitidamente representadas em “Música Urbana II”. Todos os valores e ideias à margem da sociedade, generalizados na letra em forma de Música Urbana, sendo indecifráveis em alguns pontos, são colocados de forma negativa e pejorativa, porém não há resistência das minorias receptoras a essas ideias: afinal mendigos de esparadrapos podres, PM'S, crianças em escolas, viciados nos bares todos consomem música urbana. No entanto, tal influência se encontra em “*Quase todos os lugares*”, não havendo outra opção, para aqueles indivíduos que vivem à margem dos grandes

12 Legião Urbana. *Música Urbana II*. Álbum: Dois, EMI-ODEON, 1985.

MÚSICA URBANA II

centros, a não ser consumirem aquilo que está implícito como sendo “Música Urbana”. Não obstante, a passividade é nítida, pois mesmo a vida dos representados estar distante de um caráter digno, ao final da narrativa temos a emblemática frase: “*E mais uma criança nasceu*”, inferindo que esse sujeito será condicionado de acordo com as especificidades socioculturais contidas na letra, alimentando o quadro de exclusão e ausência de manifestação. Destarte, o que contém negativamente implícito na letra, para os sujeitos representados, não cabe contestação e protesto; eles aceitam tal circunstância, que em linhas gerais, seriam possivelmente aquilo que a própria cultura do capitalismo traz junto de si.¹³

Comparando as duas canções, podemos começar a perceber as formas de abordagem com as quais a banda trabalha esse tipo de minorias: ora como protesto e clamor de resistência como no caso de “Soldados”, ora com teor de passividade como em “Música Urbana II”. Em ambos os casos, as minorias são oprimidas pelo sistema. A diferença está na forma em que a banda aborda o tema: na primeira música, o narrador demonstra uma elevada resistência ao sistema capitalista, onde a indignação é um convite contra a opressão¹⁴. Na segunda, as minorias consomem passivamente aquilo que é imposto pela “Música Urbana”. Como resultado, o narrador dirige seu discurso em formato de passividade, ou seja, um simulacro da realidade, onde não há resistência por parte dos sujeitos, que são minorias, porém inertes as imposições do sistema.¹⁵

As minorias oriundas da opção sexual: a questão da aceitação.

As minorias discriminadas pela sua opção sexual, nas letras da Legião Urbana, perpassam pela própria questão de aceitação do principal letrista: Renato Russo, que assume sua homossexualidade aos 18 anos.¹⁶ No entanto, apesar das músicas que abordam o tema, possuem os sentimentos do

¹³ Essa cultura do capitalismo, chamado por muitos de pós-moderna, promove um total descaso dos sujeitos com relação as suas próprias pretensões de vida e valores humanos. Como afirma Jameson (1996, p.52) “o sujeito perdeu sua capacidade de estender de forma ativa suas pretensões e retenções em um complexo temporal e organizar o seu passado e seu futuro como uma experiência coerente, ficando bastante difícil perceber como a produção cultural do sujeito poderia resultar em outra coisa que não um amontoado de fragmentos”.

¹⁴ Trilhando por essa abordagem, podemos citar outras músicas que possuem essa temática da forma que aqui foi sendo explicitada: *Geração Coca – Cola* (Álbum: Legião Urbana, 1985), *Fábrica, Índios* (Álbum Dois, 1986), *Faroeste Cabloco* (Álbum: Que país é esse, 1987), *Teatro dos Vampiros* (Álbum: V, 1991) *Perfeição, Os anjos* (Álbum: O descobrimento do Brasil, 1993), *Aloha* (Álbum: A Tempestade ou o Livro dos dias, 1996). Todos os álbuns possuem o selo da gravadora EMI-ODEON.

¹⁵ Podemos notar essa forma de abordagem nas músicas: *Petróleo do Futuro* (Álbum: Legião Urbana, 1985), *Metrópole* (Álbum: Dois, 1986), *Mais do Mesmo* (Álbum: Que país é esse, 1987), *Natália* (Álbum: A Tempestade ou o Livro dos dias, 1996). Todos os álbuns possuem o selo da gravadora EMI-ODEON.

¹⁶ Op. Cit. (2000), p. 63

artista, não exclui sua potencialidade como fonte histórica, na medida em que o mesmo pertence e é influenciado pelo seu contexto histórico. Nesse sentido, como veremos, há uma grande dificuldade em assumir a homossexualidade naqueles tempos.

Luz e sentido e palavra
Palavra é que o coração não pensa.
Ontem faltou água.
Anteontem faltou luz.
Teve torcida gritando quando a luz voltou.

Não falo como você fala.
Mas vejo bem o que você me diz.

Se o mundo é mesmo parecido com o que vejo.
Prefiro acreditar no mundo do meu jeito.
E você estava esperando voar.
Mas como chegar até as nuvens com os pés no chão?

O que sinto muitas vezes faz sentido.
E outras vezes não descubro o motivo
Que me explica porque é que não consigo ver sentido
No que sinto, o que procuro, o que desejo e o que faz parte do meu mundo.

O arco-íris tem sete cores.
E fui juiz supremo.
Vai, vem embora. Volta
Todos tem, todos tem suas próprias razões.

Qual foi a semente que você plantou?
Tudo acontece ao mesmo tempo.
Nem eu mesmo sei direito o que esta acontecendo.
E daí, de hoje em diante.
Todo dia vai ser o dia mais importante.

Se você quiser, alguém pra ser só seu é só.
Não se esquecer: estarei aqui.

Não digo nada, espero o vendaval passar.
Por enquanto eu não sei
O que você me falou me fez rir e pensar.
Porque estou tão preocupado
Por estar tão preocupado assim?

REGIÃO
URBANA

A

Mesmo se eu cantasse todas as canções.
Todas as canções,
Todas as canções,
Todas as canções do mundo.
Sou bicho do mato mas...

N

Se você quiser alguém pra ser só seu é só.
Não se esquecer: estarei aqui.

A

Ou então não terá jamais
A chave do meu coração.¹⁷

B

Há nessa canção um sujeito, dono do discurso, que não há como ser definido, mas se intitula como “antigo” lobisomem juvenil. Imediatamente, o mesmo se coloca com o nome da música, com uma visão diferente de um lobisomem, que podemos associar a um ser sem sentimento, de voracidade noturna.

B

Talvez aqui haja uma associação, com sua posição em relação a sua vida enquanto jovem, com uma ligação “afetiva”, intensa mais sem compromisso, que geralmente se desenvolve a noite, em festas e baladas, práticas comuns em indivíduos dessa idade. Há certo tom de desabafo que acompanhada a narrativa, na qual, logo de início, é assumida uma posição ofensiva “*Luz e sentido e palavra. Palavra é que o coração não pensa.*”.

B

Sequencialmente, a um total desapego com o cotidiano “*Ontem faltou água. Anteontem faltou luz.*”, fazendo com que o sujeito se coloque totalmente inerte a problemas simples da vida, pois em sua narrativa há temas mais complexos a serem tratados, que mexem com o seu próprio universo juvenil.

O

A

O autor coloca-se em uma posição individualista junto com a fragmentação do sujeito, podendo esta ser explicada pela euforia dos jovens em ter respostas a problemas da vida, indagando a ausência das mesmas “*Que me explica porque é que não consigo ver sentido, No que sinto, o que procuro, o que desejo e o que faz parte do meu mundo*”. Consequentemente, se o mesmo não encontra ninguém que explique sua condição de existência, passa a assumir uma posição por intermédio da citação

I

G

“*O arco-íris tem sete cores. E fui juiz supremo.*”, talvez colocando uma decisão com relação a um dilema existencial, assumindo uma possível homossexualidade. Há ainda, a diluição do tempo, onde o mesmo parece estar mais rápido, e como o sujeito é jovem, o mesmo quer aproveitar o presente:

A

“Tudo acontece ao mesmo tempo. Nem eu mesmo sei direito o que esta acontecendo. E daí, de hoje em diante. Todo dia vai ser o dia mais importante.” Essa última afirmação só foi encorajada pela tomada de posição com relação a sua opção sexual, “Se você quiser, alguém pra ser só seu é só. Não se esquecer: estarei aqui”. Não há como definir a quem o sujeito se oferece, porém devido a narrativa, aparentemente, é um indivíduo também do sexo masculino.

Subtende-se que, nesse passo, o indivíduo foi “Lobisomem Juvenil”, porque era um jovem que não tinha uma posição sexual definida. Tendo como respaldo a sua decisão, o referido procura aproveitar o presente.

Na música em questão, o sujeito pensa de forma insistente sobre sua opção de sexualidade. Tal narrativa metafórica passa pela criatividade de Renato Russo em produzir as letras, ao mesmo passo, que em determinados momentos, tangencia a questão da aceitação de sua sexualidade, em um contexto turbulento, que será sintetizado abaixo.

No entanto, existem letras em que a posição é amplamente assumida:

Quero me encontrar mas não sei onde estou.
Vem comigo procurar um lugar mais calmo.
Longe dessa confusão e dessa gente que não se respeita.
Tenho quase certeza que eu não sou daqui.

Acho que gosto de S. Paulo. E gosto de S. João.
Gosto de S. Francisco. E S. Sebastião.
E eu gosto de meninos e meninas.

Vai ver que é assim mesmo e vai ser assim pra sempre.¹⁸

Além da idéia de cosmopolitismo, existente na letra, no qual o sujeito não se situa em lugar nenhum, mas gosta de todos; existe a defesa de sua opção sexual: “E eu gosto de meninos e meninas”. Embora a tomada de posição se mantenha confusa em tempos futuros, “vai ver que é assim mesmo e vai ser assim pra sempre”, existe uma espécie de conformismo, até porque, sua posição é enfática. Nessa narrativa, não há nenhuma metáfora escondida.

Ambas as letras estão contidas no mesmo álbum¹⁹, o que demonstra que no final dos anos 80, a ideia

18 Legião Urbana. *Meninos e Meninas*. Álbum: *As quatro estações*. EMI-ODEON, 1989.

19 Legião Urbana. Álbum: *As quatro estações*. EMI-ODEON, 1989.



de Renato Russo com relação a sua sexualidade era mais clara, assumindo sua posição, na forma de música. Contudo, a existência de um contexto dúbio de narração, com letras mais diretas ou metafóricas, perpassa pela latência nos anos 80, pois como traz Marsiaj (2003, p.145), a questão da aceitação da homossexualidade obteve um declínio nos anos 80, devido ao caráter socioeconômico. Embora a ideia continue latente, o autor induz que essa dubiedade de aceitação, se dê pelas notícias cada vez mais divulgadas, “sobre a proliferação da AIDS no período”.²⁰ A questão de assumir a sexualidade, nos anos 80, era algo complexo, advindos de uma sociedade de origem patriarcal, borbulhante pelo caos social vivido naqueles tempos, em que

o advento da epidemia de HIV/AIDS, no início dos anos 80, pareceu significar, em termos socioculturais, uma decretação de sentença de morte - individual e coletiva, real e simbólica - dos gays. No entanto, após um momento inicial de forte recrudescimento do preconceito e da intolerância contra homossexuais e bissexuais, supostos culpados pelo surgimento da epidemia, a adoção paulatina, pelo Estado, de políticas sociais de combate à difusão do vírus colocou na ordem do dia uma inédita necessidade de discussão da homossexualidade e da legitimidade dos desejos e das práticas sexuais e amorosas entre homens e, como corolário, também entre mulheres. (NETO, 1999, p.23)

Não há, nas letras da Legião Urbana, nenhuma forma de crítica que induza o indivíduo tomar uma determinada posição. Caso contrário, o letrista estaria indo na contramão de seu próprio pensamento e contexto histórico. De qualquer forma, seja de forma metafórica ou direta, há nas letras da Legião Urbana, a tomada de posição advinda de Renato Russo. Em grande medida, foi um grande veículo de representação desse tipo específico de minorias, que nos anos 80, tiveram dificuldades na tomada de posição com relação a sua sexualidade.

A questão do usuário de drogas: uma relação de aceitação de sua condição existencial ou uma mensagem de força e luta com relação à dependência?

Ao tentar relacionar a questão da droga com as minorias, e como a banda se manifestava musicalmente sobre o tema, entramos em um campo complexo e controverso. Na passagem da década de oitenta para a de noventa, o número de usuários no país cresce em grande medida:

a cenários diversos de conflitos e de ações coletivas que aparecem nos anos 80 e início da década atual, trazendo outros autores, formas de apropriação e uso do espaço urbano, redes de

²⁰ Da mesma forma que Marsiaj, Fachinni (2003, p. 94), relata que o movimento homossexual nos anos 80, “foi bem pouco tratado, onde havia uma dificuldade de grande amplitude para assumir sua opção sexual.”

sociabilidade e nova imagem da conflitividade social na cidade, onde os laços com instituições tradicionais como a família, estão se tornando cada vez mais difusos, fazendo com que vários problemas de ordem social sejam trazidos a tona. (SPOSILO, 1993, p. 161-178)

Nesse ínterim, a complexidade supracitada, se dá pelo fato de que a violência está associada a todo o aparato que envolve a droga e seu uso, que logicamente, não fica restrito aos setores mais baixos da sociedade. Sobre essa relação entre droga e violência:

O mais consistente e predizível vínculo entre violência e drogas se encontra no fenômeno do tráfico de drogas ilegais. Este tipo de mercado gera ações violentas entre vendedores e compradores sob uma quantidade enorme de pretextos e circunstâncias: roubo do dinheiro ou da própria droga, disputas em relação a sua qualidade ou quantidade, desacordo de preço, disputa de territórios, de tal forma que a violência se torna uma estratégia para disciplinar o mercado e os subordinados. O narcotráfico potencializa e torna mais complexo o repertório das ações violentas: a delinquência organizada; aquela agenciada pela polícia e pelas instituições de segurança do estado; a violência social dispersa; a promovida por grupos de extermínio e também a das gangs juvenis. (MINAYO; DESLANDES, 1998, p.2).

Ao se abordar a questão da droga, deve-se sempre levar em consideração os problemas sociais que a mesma acarreta. Todavia, vendo em outra ótica, na interpretação que seguirá abaixo, existe uma relação forte e tensa entre o usuário e sua condição existencial de minoria:

O consumo de drogas, bem como de outras formas de auto-afirmação que desviam de normas e regras convencionais, deixa-se entender nesse contexto, como resposta a deficiência ou mesmo ausência de valores integradores e restauradores da dignidade humana (...) as estratégias seculares de comunicação deterioram-se ou descontrolam-se, provocando o aumento dos fenômenos de isolamento, anonimato ou marginalização. (SILVIA; SANTOS, 2001, p.147)

Com isso, em suas composições que tangenciam a temática, Renato Russo, sempre se colocou em condição de minoria, até por que, publicamente, assumiu sua condição de usuário.²¹

Não sou escravo de ninguém
Ninguém senhor do meu domínio
Sei o que devo defender
E por valor eu tenho
E temo o que agora se desfaz.
Viajamos Sete léguas
Por entre abismos e florestas
Por Deus nunca me vi tão só
É a própria fé o que destrói
Estes são dias desleais.

²¹ Por uma questão metodológica, diferentemente da forma que abordava as músicas anteriormente, não colocarei a exposição da letra na íntegra, devido à necessidade de espaço físico, para assuntos que serão abordados posteriormente. Ainda, gostaria de enfatizar que ficarei restrito a análise de uma parcela da obra do LP *V*. EMI-ODEON, 1991, devido a temática que o mesmo possui convergir para as pretensões desse tópico.

Mais sou metal - raio, relâmpago e trovão
Eu sou metal, eu sou o ouro em seu brasão
Eu sou metal: e sobe o sopro do dragão.
Reconheço o meu pesar:
Quando tudo é traição
O que venho encontrar
É a virtude em outras mãos.²²

A narrativa de “Metal contra as nuvens” possui como eixo central a questão do usuário de droga e a relação consigo mesmo. Tal pensamento não é fácil, pois além do processo ser psicologicamente torturante, existe um jogo de resistência aglutinada à solidão presente em toda a letra. A princípio, o narrador se coloca forte e resistente perante a sua condição de usuário “*Não sou escravo de ninguém, ninguém senhor do meu domínio*”, porém, logo em seguida, há um impacto individual, aglutinado a um sentimento de receio, “*E por valor eu tenho, E temo o que agora se desfaz*”. Essa relação de dubiedade é latente em toda a narrativa da música, onde logicamente a solidão e o vazio se fazem presentes: “*Viajamos Sete léguas, Por entre abismos e florestas, Por Deus nunca me vi tão só, É a própria fé o que destrói, Estes são dias desleais.*”, indo em uma espécie de oscilação, onde novamente retorna a uma nova resistência “*Mais sou metal - raio, relâmpago e trovão, Eu sou metal, eu sou o ouro em seu brasão, Eu sou metal: e sobe o sopro do dragão*”. Havendo total solidão do indivíduo em sua existencialidade, o mesmo coloca-se novamente em posição de resistência e força, simbolizados na pseudo-equivalência do sujeito aos fenômenos da natureza acima supracitados. Contudo, a narrativa fica mais agonizante, pois o mesmo passa a se considerar forte, utilizando-se da droga, simbolizado em “*sobe o sopro do dragão*”²³

É a verdade que assombra,
O descaso que condena,
A estupidez o que destrói.

Eu vejo tudo o que se foi
E o que não existe mais.

22 Legião Urbana. *Metal contra as nuvens*. Álbum: V, EMI-ODEON, 1991.

23 Em seguida na narrativa, o sujeito coloca tudo aquilo que perdeu devido a sua condição de usuário. Logo, tal perspectiva pode ser notada em “*Quase acreditei na sua promessa, E o que vejo é fome e destruição, Perdi a minha sela e a minha espada, Perdi o meu castelo e minha princesa*”. Destarte, o sujeito observa tudo aquilo que seu mundo de usuário ofereceu, tendo perdas significativas; onde há uma diminuição no poder de resistência contra sua condição: “*perdi a minha espada*”, ao mesmo tempo que pulveriza-se o “*castelo*”, simbolizando a casa, e a “*princesa*”, significando um possível amor perdido.

Tenho os sentidos já dormentes,
O corpo quer, a alma entende.

Esta é a terra-de-ninguém
E sei que devo resistir
Eu quero a espada em minhas mãos

Eu sou metal - raio, relâmpago e trovão
Eu sou metal, eu sou o ouro em seu brasão
Eu sou metal: e sobe o sopro do dragão.

Não me entrego sem lutar
Tenho ainda coração
Não aprendi a me render

Que caia o inimigo então.²⁴

Após toda a angústia passada pela narrativa, o sujeito coloca-se novamente em posição de fraqueza “*É a verdade que assombra, O descaso que condena, A estupidez que destrói, Eu vejo tudo o que se foi, E o que não existe mais.*” O balanço de sua vida é sintetizando, aonde a verdade aglutinada ao descaso com sua própria existência, resulta numa condição de estupidez. Não obstante, mesmo após tantas reflexões sobre sua condição de usuário, ele novamente entra em declínio de resistência “*Tenho os sentidos já dormentes, O corpo quer, a alma entende*”. Após sua epopéia, oriundas de tantas oscilações sobre a sua relação com a droga, o narrador assume uma tomada de posição, dizendo que não perderá a batalha para a aquela, por que ainda tem sentimentos consigo mesmo: “*Tenho ainda coração*”.

Esse paralelo entre a oscilação psicológica, espiritual e afetiva, somada à força, resistência e esperança, caminhando ao lado do fracasso, da tentação e do vício são comum entre os usuários. Kessler (2003) ao refletir sobre esse perfil de indivíduo, afirma que a personalidade encontra-se privada de coesão, na qual as drogas transformariam a realidade ansiogênica em neutra, reforçando nos usuários a sua onipotência.

Abordando de tal forma a temática, ao falar da questão da droga, que envolve violência, medo, anseios, depressões e perdas, é impossível não associá-la com um tipo específico de minorias. Elas, na

24 Ibid;

REVISTA
DE
ARTES
E
HUMANIDADES
N.8
MAIO - OUT
2011

música, com suas metáforas e oscilações de narrativa, derivadas da capacidade criadora e experiência do autor com o tema, reforçam não somente uma mensagem de caráter pessoal. Em outras palavras, apesar da aparência, é inexistente na letra um monólogo psicossocial. Como qualquer música, há sempre por trás da letra um contexto pessoal, que é histórico, portanto social, onde as minorias que passam por esse tipo de circunstância, estão representadas. Ainda, com relação ao tema, Renato Russo jamais quis deixar uma mensagem de crítica ou agressividade para aqueles que caíram no mundo do vício. Pelo contrário, abordou o assunto com grande sensibilidade, como pode ser visto na letra. Junto com essa característica, jamais quis deixar uma mensagem de pessimismo:



Figura 1: Capa LP Legião Urbana, Álbum: V, 1991. Produzido por Mayrthon Bahia e Legião Urbana, Direção Artística: Jorge Davidson, Assessoria Gráfica: Arthur Froes; Coodernação Gráfica: Egeu Laus; Foto: Dario Zalis, Gravadora: EMI-ODEON

A capa do LP “V”²⁵ é emblemática nesse processo que estamos esboçando. Para aqueles indivíduos que se sentiam minorias devido a sua condição de usuário, o desenho possui um valor simbólico, a meia lua e a estrela de oito pontas. A primeira, vista como morte e regeneração²⁶, enquanto o octograma é o símbolo da criação, “mais de modo algum uma criação realizada, e, sim, em vias de se realizar”²⁷ Imediatamente, na capa, já existem simbologias, para os sujeitos que possuem algum tipo de vício, podendo encontrar um conforto, um alento de mensagem e força, para quiçá, lutar contra essa condição.

²⁵ Segundo Chevalier e Gheerbrant (1990, p.241) é o número “da harmonia e equilíbrio”. Tal proposta será latente nesse álbum.

²⁶ *Ibidem*; p.569.

²⁷ *Ibidem*; p.409

Tendo como pano de fundo o contexto histórico, as dificuldades na passagem de década, o perfil do letrista e a letra (Metal contra as nuvens) em comparação com a capa, podemos perceber que para o tema específico abordado, a Legião Urbana procurou deixar uma mensagem de regeneração e luta, sendo talvez, um dos grandes legados priorizados por esse álbum. Não ao acaso, o mesmo símbolo acima esboçado na capa, e suas significações, estejam representados no encarte, no formato de um medalhão, onde podemos inferir que a mensagem tem que ser levada, refletida e passada, pelos ouvintes da banda, tendo como base suas experiências cotidianas. Pelo visto, apesar de seu público ser amplo, a Legião Urbana jamais deixou de abordar as problemáticas existenciais das minorias.²⁸



Figura 2: Recorte da arte do encarte do LP V. Produzido por Mayrthon Bahia e Legião Urbana, Direção Artística: Jorge Davidson Projeto Gráfico: Tira – Linha Studio; Assessoria Gráfica: Arthur Froes; Coodenação Gráfica: Egeu Laus; Foto: Dario Zalis, Gravadora: EMI-ODEON

O Estado e sua relação com as minorias: a leitura e denúncia do descaso expressos nas obras da banda.

Ao longo de sua trajetória, a Legião Urbana sempre possuiu um viés de crítica e contestação com relação ao Estado constituído. É notório tal fato, pois ao abordar o tema, não veremos nenhuma música, no decorrer de seus álbuns, procurando um diálogo conciliador com o Estado. Em grande medida, a banda com o passar dos anos, sempre manteve seu discurso ríspido, com relação a Nova República e seus representantes. Mesmo emergindo após o fim do período militar, em que as liberdades individuais foram suprimidas, não há nenhuma característica ou abordagem com determinado grau de

²⁸ Apesar de a proposta ficar restrita a uma interpretação da questão das minorias na obra da Legião Urbana, há um ponto interessante sobre o álbum V, que de certa forma, converge com minha análise. O nome da banda aparece na capa de forma “turva”, sem simetria, fazendo uma associação com o olhar, ou a forma que o usuário observa o mundo. Ainda, sobre esse trabalho específico, que como vimos, apresenta temas complexos vistos com uma certa suavidade, Renato Russo afirma ao repórter Alex Antunes: “Se eu falar do que está rolando, da miséria, da angústia, eu terei que falar disso duma maneira que não agrida, porque já existe muita, muita, muita agressão. Se a gente não tivesse tanta responsabilidade... Isso é uma coisa paradoxal e controvertida, as pessoas podem até me entender mal... Mas se nós não tivéssemos responsabilidade, com certeza estaríamos fazendo outras coisas.” Para ver a entrevista na íntegra: Revista BIZZ. *A longa jornada do trio, da fábrica de hits até o neoprogressivo*. Edição 78, janeiro de 1992.

positividade ao seu próprio contexto, pois

A década de 80 representou não só para o Brasil, mais também para os países da América Latina e do 3º mundo, que possuíam elevadas dívidas extremas, a dura experiência de conviver com graves problemas econômicos, onde esta situação provocou uma visível deteriorização da condição de vida da maior parcela da população(CAPELLARI, 2004, p.122).



Figura 3: Álbum: *Que país é este*, Artistas: Dado Villa-Lobos, Marcelo Bonfá, Ricardo Rocha, Direção Artística: Jorge Davidson; Produção: Mayrton Bahia; Foto de Capa: Renato Junqueira, Fotos de Encarte: Marcelo Benzaquém, Renato Junqueira, Projeto Gráfico: Fernanda Villa-Lobos; Gravadora: EMI-ODEON

A capa desse álbum²⁹ é somente a foto. Não aparece nenhum símbolo da banda, nome, selo ou marca de gravadora. Olhando os planos de fundo da foto, podemos notar que ela está em três partes.

Na primeira temos um branco³⁰ e um negro³¹, basicamente no mesmo plano, talvez indicando que esse país representando, possui desigualdades a nível social e racial, possivelmente chamando a atenção para o racismo, até por que o único que está vestido de branco é um negro, demonstrando que todos somos iguais. Em segundo plano, temos dois sujeitos, um olhando diretamente para a foto³², e o outro, Renato Russo, o único que não olha para a câmera. Em grande medida, demonstra o inconformismo do letrista aos caos social vivido naqueles tempos. As quatro feições estão fechadas, indicando que o Estado possui questões sérias, que necessitam de uma resolução.

Mais ao fundo, só existe a imagem de uma mata, supostamente trazendo à tona uma relação com

18

29 Legião Urbana. Álbum: *Que país é esse*. EMI-ODEON, 1987.
 30 Representado por Marcelo Bonfá.
 31 Representado por Renato Rocha.
 32 Representado por Dado Villa-Lobos.

um país atrasado, em algumas questões que são elencadas ao longo do álbum. Pelo perfil representado pela capa, podemos subtender que o Estado, na visão da banda, não possui condições de proporcionar uma vida digna para uma boa parte dos brasileiros.

Nas favelas, no senado
Sujeira pra todo lado
Ninguém respeita a constituição
Mas todos acreditam no futuro da nação

Que país é esse?

No Amazonas, no Araguaia, na Baixada Fluminense
No Mato grosso, nas Gerais e no Nordeste tudo em paz
Na morte eu descanso mas o sangue anda solto
Manchando os papéis, documentos fiéis
Ao descanso do patrão

Que país é esse ?

Terceiro Mundo se for
Piada no exterior
Mas o Brasil vai ficar rico
Vamos faturar um milhão
Quando vendermos todas as almas
Dos nossos índios num leilão.

Que país é esse?³³

A emblemática música aborda o fato de que os problemas nacionais estão intrinsecamente relacionados aos próprios sujeitos que deveriam conduzir o Estado rumo ao progresso. A corrupção é trazida à tona em tom de protesto e denúncia, processo que promove o insucesso social da maior parcela da população. Apesar do clima de paz que aparentemente existe no país, a banda procura mostrar nosso padrão de subdesenvolvimento, escancarando o descaso do Estado e da elite frente às minorias: *Na morte eu descanso, mas o sangue anda solto, Manchando os papéis, documentos fiéis, Ao descanso do patrão*. A burocracia da máquina estatal e a desigualdade promovida pela mesma fazem emergir na banda uma visão totalmente pessimista, pois só conseguiremos atingir um determinado padrão de

LEGIÃO
URBANA

33 Legião Urbana. *Que país é esse?* Álbum: *Que país é esse*. EMI-ODEON, 1987.

riqueza se “vendermos nossos índios num leilão”. Tal capital virá à custa das minorias.

A falência do Estado em prover o bem estar do cidadão, adquire na Legião Urbana uma conotação de estranheza e separação. O narrador, não mais possui capacidade de se sentir seguro em sua própria nação:

O que há de errado comigo ?
Não consigo encontrar abrigo
Meu país é campo inimigo
E você finge que vê, mas não vê

Lave suas mãos que é a sua porta que irão bater
Mas antes você verá seus pequenos filhos trazendo novidades

Quantas crianças foram mortas desta vez ?
Não faça com os outros
O que você não quer que seja feito com você
Você finge que não vê e isso dá câncer³⁴

A ausência de segurança do sujeito dentro de sua nação se dá pelo fato de não haver perspectiva de mudança. Estado e cidadão tornam-se estranhos uns aos outros. A ausência do bem estar público gera a contradição entre os citados.

Vamos celebrar a estupidez humana
A estupidez de todas as nações
O meu país e sua corja de assassinos
Covardes, estupradores e ladrões

Vamos celebrar a estupidez do povo
Nossa polícia e televisão
Vamos celebrar o nosso governo
E nosso estado que não é nação³⁵

Em “Perfeição”, transpassando o campo da ironia de seu título, ocorre o pedido de celebração a tudo aquilo que é negativo, circundante em nossas vidas. O tom crítico, aparece em caráter satírico e frio, sendo festejado a “*estupidez de todas as nações*” e o “*país e sua corja de assassinos*”. Subtende-se, que a população, em especial, os desprovidos de uma situação socioeconômica favorável, deva

celebrar o “Estado que não é Nação”. Notadamente, a afirmativa é impactante, já que a política nacional não consegue prover o mínimo para os seus cidadãos, ou não se preocupa em desenvolver políticas sociais sólidas. Como consequência, “as instituições políticas não tem existência independente, onde depende da ação da vida pública (...). O processo político precisa da ação conjunta, que confere autoridade e poder” (ARENDR, 1992, p.22 e 23). Nesse contexto, o Estado não consegue alimentar a ideia de cidadania, devido a padrões impostos pela exclusão social, gerando a concretização de uma cidadania deplorável e frágil.

Parafraseado Bonavides (2007, n.p), em uma definição utópica, de inúmeras existentes, se nação “é alma, consciência, sentimento, humanismo, cidadania e apoteagma de valores (...) é a marcha para a universalidade, o caminho moral do homem em direção às apoteoses do triunfo e ao bem – sucedida convivência de todas as parcelas sociais”, o Estado Brasileiro está anos luz, de prover o crescimento das ideias de cidadania nas letras escritas por Renato Russo. Não por acaso, na opinião do grupo: “O Brasil é uma república federativa cheia de árvores e gente dizendo adeus”³⁶.

Conclusão

Ao abordar a questão das minorias, expresso nas letras da Legião Urbana, procurou-se aqui demonstrar como a temática é latente na obra da banda. Logicamente, essas minorias estão representadas, na maior parte dos temas abarcados por esse artigo, em uma situação de descaso do poder público ou até mesmo da sociedade. A única crítica incisiva encontrada na obra dos artistas em direção às minorias, de acordo com as músicas aqui analisadas, esteja relacionada à questão do consumismo; e a não resistência de grupos minoritários a essa vertente ideológica do capitalismo.

Nas temáticas restantes, existe um compromisso social da banda com relação aos diversos tipos de minorias. Na questão do homossexualismo, Renato Russo deixou uma mensagem mesmo em um contexto turbulento, em que a dificuldade de aceitação dessa condição, expresso em letras totalmente metafóricas, ou até mesmo em posições mais diretas e explícitas, são reflexo de sua própria época. No entanto, apesar de tamanha dubiedade, o mesmo possui uma tomada de posição, o que acaba sendo um

36 Essa frase de Oswald de Andrade, usada na arte do álbum da Legião Urbana. *A tempestade ou o livro dos dias*. EMI-ODEON, 1996, demonstra de forma emblemática, a opinião da banda sobre a relação das instituições políticas nacionais com sua população.

alento para aqueles sujeitos que ouvem a banda, e que passam por tal dilema existencial.

Vimos, que algumas músicas, clamam, pedem, chamam as minorias para oferecerem resistência ao sistema capitalista, que acaba oprimindo os sujeitos, colocando os mesmos em uma relação de volatilidade com sua própria vida. O inconformismo e as imposições do sistema são latentes nas obras da Legião Urbana.

Com relação à questão da droga, apesar de Renato Russo ao longo de sua carreira, ter sofrido com a dependência química, sempre procurou deixar uma mensagem de otimismo, na qual as oscilações entre fraqueza e resistência são uma constante, resultantes de sua própria vida e condição de usuário. Tal dubiedade é comum entre dependentes químicos.

A banda nunca acolheu um discurso conciliador ao Estado constituído. Como foi visto, o aparato estatal na visão da Legião Urbana, não concedia o bem estar a população, gerando uma crítica incisiva, explícita e enfática, fazendo com que as músicas de cunho político fossem a marca de registro da maior parte de suas canções.

A propriedade em falar sobre as minorias, sendo que em vários momentos, os sujeitos que compõem a banda fazem parte das mesmas, em grande medida, se dá pelo próprio poder discursivo que a Legião Urbana deteve. A mensagem que era passada pelos músicos, ecoava formidavelmente pelos fãs. Renato Russo, por ser o ícone dessa geração, tinha em mente, que a música possui um caráter social, e que sua mensagem não poderia ser deixada de qualquer forma. Ao contrário, a temática foi abordada com grande criatividade e sensibilidade.

Pelo destaque que a banda obteve no cenário nacional, em vários momentos, mesmo em condição de sucesso, a mesma se coloca como sendo minoria. De certa forma, está junto com seu público, diluídos nos problemas e anseios de toda uma geração, uma enorme Legião Urbana. Nota-se ainda, uma grande preocupação da banda com relação à juventude, seu maior público alvo.

Tal condição de minoria, não poderia ser diferente, pois em todas as temáticas, temos a sensibilidade de Renato Russo em formas de letras e canções. O mesmo foi causa e efeito de uma época, em que as várias questões pontuadas emergiram, promovendo nesse sujeito reflexões sobre sua própria vida e cotidiano, repercutindo em outros sujeitos históricos.

Assim, podemos concluir que em vários momentos, banda e letrista colocaram-se como uma

minoria. O resultado desse processo foi o caráter representacional que esses sujeitos de classe média alta conseguiram obter com o passar do tempo. A Legião Urbana não representou somente os anseios de seu meio social. Ao contrário, aspirou o desejo de vários sujeitos, que passam por condição de minoria, de acordo com suas circunstâncias de vida. Como consequência, não há uniformidade ao tratamento do tema minorias na obra da Legião Urbana, devido à diversidade temática, bem como ao caráter simbólico e material do grupo, que tangenciou as aspirações sociais, artísticas e musicais da juventude abrangida pelo universo roqueiro, durante os anos 80.

Por fim, nota-se, que não podemos abordar o movimento do rock dos anos oitenta a partir do prisma elitista. Tal caráter interpretativo, ou meramente ilustrativo, reduz a potencialidade da música e suas significações, em diversos campos do saber. Por essa ressalva, podemos aqui, perceber a representação das minorias, expresso nas letras da Legião Urbana, e que possuem sua forma de pensar, viver e compartilhar experiências:

A única coisa que eu sei é o seguinte: as pessoas acompanham o que a gente faz não por que mostramos uma grande novidade – por que o rock não é nem um pouco original – e sim por que o que nós estávamos fazendo já estava dentro delas. Então, um garoto compra um disco da Legião - do Titãs, do Lobão, ou de quem quer que seja – e, antes de ir para o colégio, ele vai ouvir aquela música, vai pensar na vida, no país, no governo, na situação caótica, em ecologia, em crimes, medos, angústias, felicidades. É legal você ter uma trilha sonora. (RUSSO, 1989)³⁷

Fontes das Imagens

Figura 1: Capa LP Legião Urbana, Álbum: *V*, 1991. Produzido por Mayrthon Bahia e Legião Urbana, Direção Artística: Jorge Davidson, Assessoria Gráfica: Arthur Froes; Coodernação Gráfica: Egeu Laus; Foto: Dario Zalis, Gravadora: EMI-ODEON.

Figura 2: Recorte da arte do encarte do LP *V*. Produzido por Mayrthon Bahia e Legião Urbana, Direção Artística: Jorge Davidson Projeto Gráfico: Tira – Linha Studio; Assessoria Gráfica: Arthur Froes; Coodernação Gráfica: Egeu Laus; Foto: Dario Zalis, Gravadora: EMI-ODEON.

Figura 3: Álbum: *Que país é este*, Artistas: Dado Villa-Lobos, Marcelo Bonfá, Ricardo Rocha, Direção Artística: Jorge Davidson; Produção: Mayrton Bahia; Foto de Capa: Renato Junqueira, Fotos de Encarte: Marcelo Benzaquém, Renato Junqueira, Projeto Gráfico: Fernanda Villa-Lobos; Gravadora: EMI-ODEON.

37 IN: ASSAD (2000, p. 129)

Referências Bibliográficas

ALVES, L. C. *Flores no Deserto: A legião Urbana em seu tempo*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Uberlândia: Uberlândia, 2002.

ALEXANDRE, Ricardo. *Dias de Luta: O Rock e o Brasil dos anos 80*. São Paulo: DBA Artes Gráficas, 2002.

ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.

ASSAD, Simone. *Renato Russo de A a Z: as idéias do líder da Legião Urbana*. Campo Grande: Letra Livre, 2000.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo. Companhia das Letras, 1986.

BRANDÃO, Antonio Carlos; DUARTE, Milton Fernandes. *Movimentos Culturais na Juventude*. São Paulo: Editora Moderna, 2004.

BRANDIN, Valéria. *Cenários do Rock: Mercado, produção e tendências no Brasil*. São Paulo: Olho d'Água, 2004.

BONAVIDES, Paulo. Reflexões sobre nação, Estado social e soberania. *Estud. av.* vol.22, nº.62, São Paulo Jan./Apr. 2008. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010340142008000100013&script=sci_artext&tlng=pt Acesso dia 28/01/2011.

CAPELARI, Clayton Pedro. *Brasil: Concentração de renda: indicadores sociais e política econômica dos anos 80*. Dissertação de mestrado em Ciências Sociais. São Paulo: PUC, 2004.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1988.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, costumes, números*. Rio de Janeiro: José Olympo, 1990.

DAPIEVE, Arthur. *Brock: O rock brasileiro nos anos 80*. Rio de Janeiro. Editora 34, 1995.

_____. *Renato Russo: O trovador solitário*. Rio de Janeiro: Relume/Dumará, 2000.

ENCARNAÇÃO, Paulo Gustavo da. *"Brasil mostra a tua cara": rock nacional, mídia e redemocratização política (1982-1989)*. Dissertação de Mestrado. UNESP/Assis, 2009.

FACCHINI, Regina. *Movimento Homossexual no Brasil: Reconstituindo um histórico*. Caderno AEL, volume 10, nº18/19, 2003.

FENELON, Déa Ribeiro; CRUZ, Heloisa Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário. Muitas Memórias, outras histórias. In: Fenelon Maciel Lima Antunes; Almeida, Paulo Roberto; Khoury, Yara.(org.) *Muitas Memórias, Outras Histórias*. São Paulo: Olho d'água, 2004.

JAMESON, Fredric. *Pós-Modernismo: A lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática, 1996

KESSLER, Félix. *Psicodinâmica do adolescente envolvido com drogas*. Rev. psiquiatr. Rio Grande do Sul vol.25 suppl.1 Porto Alegre Apr. 2003. Disponível http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010181082003000400005&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso dia 20/01/2011

MARSIAJ, Juan P. Pereira. *Gays ricos e bichas pobres: desenvolvimento, desigualdade socioeconômica e homossexualidade no Brasil*. Caderno AEL, volume 10, nº18/19, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira. *A complexidade das relações entre drogas, álcool e violência*. Cad. Saúde Pública vol.14 n.1 Rio de Janeiro Jan./Mar. 1998. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102311X1998000100011&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso dia 26/01/2011

MORAES, Jonas Rodrigues de. *Hibridismos musicais: o nordeste na produção Gonzagueana e Torquateana*. Texto Integrante dos Anais do XX Encontro Regional de História: História e Liberdade.

ANPUH/SP- Franca, 06-10 de setembro de 2010.

MORAES, José Geraldo. *História e Música: canção popular e conhecimento histórico*. Rev. bras. Hist. vol.20 n.39 São Paulo 2000. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010201882000000100009&script=sci_arttext&tlng=en Acesso dia 01/02/2010.

NETO, Luiz Mello de Almeida. *Família no Brasil nos anos 90: um estudo sobre a construção social da conjugalidade homossexual*. Tese de Doutorado. Brasília: Universidade Federal de Brasília, agosto de 1999

PARANHOS, Adalberto. *A música popular e a dança dos sentidos: distintas faces do mesmo*. Revista Arte-cultura. Uberlândia – MG, nº9, jul-dez, 2004.

RAMOS, E. B. *Rock dos anos 80: A construção de uma alternativa de contestação juvenil*. (Dissertação de Mestrado em História Social). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2010

RODRIGUES, Marly. *A década de 80*. Brasil: quando a multidão voltou às praças. São Paulo: Ática, 1992.

SILVIA, Rosalina Carvalho da; SANTOS, Manoel Antônio. *A intolerância frente a questão das drogas: Algumas reflexões*. IN: ALVES, Maria Mendes Biasoli; FISCHIMANN, Roseli (org). *Crianças e Adolescentes: construindo uma cultura da tolerância*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

SPOSILO, Marília Pontes. *A sociabilidade juvenil e a Rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade*. Revista Tempo Social. São Paulo: USP, 1993.



WISNIK, José Miguel; SQUEFF, Enio. *Música*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

WUCHER, Gabi. *Minorias: proteção internacional em prol da democracia*. São Paulo: Juarez de Oliveira, 2000.

Revistas

Revista *Bizz*. *A longa jornada do trio, da fábrica de hits até o neoprogressivo*. edição 78, janeiro de 1992.

Músicas

Legião Urbana. *Soldados*. Álbum: Legião Urbana EMI-ODEON, 1985.

Legião Urbana. *Música Urbana II*. Álbum: Dois, EMI-ODEON, 1986.

Legião Urbana. *Eu era um lobisomem juvenil*. Álbum: As quatro estações, EMI-ODEON, 1989.

Legião Urbana. *Meninos e Meninas*. Álbum: As quatro estações. EMI-ODEON, 1989.

Legião Urbana. *Metal contra as nuvens*. Álbum: V, EMI-ODEON, 1991.

Legião Urbana. *Que país é esse?* Álbum: Que país é esse. EMI-ODEON, 1987.

Legião Urbana. *A Fonte*. Álbum: O descobrimento do Brasil. EMI-ODEON, 1993.

Legião Urbana. *Perfeição*. Álbum: O descobrimento do Brasil. EMI-ODEON, 1993.

Álbuns

Legião Urbana. Álbum: *Legião Urbana*. EMI-ODEON, 1985.

Legião Urbana. Álbum: *Dois*. EMI-ODEON, 1986.

Legião Urbana. Álbum: *Que país é esse*. EMI-ODEON, 1987.

Legião Urbana. Álbum: *As quatro estações*. EMI-ODEON, 1989.

Legião Urbana. Álbum: *V*. EMI-ODEON, 1991.

Legião Urbana. Álbum: *O descobrimento do Brasil*. EMI-ODEON, 1993.

Legião Urbana. Álbum: *A tempestade ou o livro dos dias*. EMI-ODEON, 1996.

Recebido em fevereiro de 2011.

Aprovado em março de 2011.

Arte: Nizea Coelho